

A alteração dos espaços naturais de Ibiraquera - SC e os cuidados dos habitantes nativos relacionados à preservação ambiental do lugar

Rosa N. T. Jerônimo¹

Resumo

Este artigo tem o objetivo de identificar os cuidados dos habitantes nativos relacionados à preservação ambiental do lugar. Foram realizadas dez entrevistas sob a técnica da história de vida com habitantes nativos da comunidade de Ibiraquera, SC. Destacam-se o pouco reconhecimento referente à flora local; o esquecimento da fauna silvestre; a degradação do solo utilizado para a utilização da pluriagricultura de subsistência; a luta pela preservação das fontes hídricas do lugar, priorizando a lagoa e as nascentes das quais os nativos retiravam a água para beber e a organização comunitária visando à preservação das espécies marinhas e lagunares, pois destas, depende a sobrevivência dos pescadores artesanais que habitam o entorno da Lagoa de Ibiraquera. Conclui-se que os nativos possuem um forte vínculo com o lugar, têm consciência de suas atitudes seculares diante da degradação e estão se organizando para defender e preservar os espaços naturais que fazem parte de suas vidas e dos quais dependem.

Palavras-chaves: laguna costeira, recursos naturais, uso e conservação, Santa Catarina, Brasil

Abstract

THE CHANGES IN THE NATURAL ENVIRONMENT OF IBIRAQUERA – SC AND THE NATIVE INHABITANTS' CARE RELATED TO THE LOCAL ENVIRONMENTAL PRESERVATION. The present article aims to identify Ibiraquera native inhabitants' care related to the local environmental preservation. Ten Ibiraquera natives were interviewed through the *life history* technique. Results show their little recognition with respect to the local flora; the forgetfulness of the wild fauna; and soil degradation due to subsistence agriculture. Nonetheless, it was also possible to observe their fight for the local natural springs preservation, mainly regarding the lagoon and the sources from which natives used to take drinking water, as well as the community organization in order to preserve marine and lagoon species, upon which the survival of the native fishermen living around Ibiraquera Lagoon depends. Finally, it was observed that the natives have a strong link to the place, that they are aware of their age-old attitudes in relation to the degradation and are working together to defend and preserve the natural environment, which makes part of their lives and upon which they essentially depend.

Key words: coastal lagoon, natural resources, use and conservation, Santa Catarina, Brazil

Introdução

O presente estudo refere-se a um capítulo de uma pesquisa de Mestrado em Ciências Ambientais-UNESC e se insere no campo da Psicologia Ambiental, tendo como objeto de pesquisa a compreensão do processo de apropriação do espaço dos habitantes da comunidade tradicional de Ibiraquera em Imbituba, sul de Santa Catarina, Brasil.

A Psicologia Ambiental, segundo Gonçalves (2004:17), se concentra na compreensão do *significado simbólico do espaço* e nos *processos psicossociais derivados das relações e interações entre as pessoas, grupos, comunidades e seus entornos*. Portanto, a Psicologia Ambiental tem se apropriado de uma atitude interdisciplinar, dialogando e trabalhando em parceria com outras fontes do conhecimento. Neste artigo o diálogo se deu com a Biologia, Geografia, Sociologia e Antropologia.

O tema proposto insere-se no contexto de uma cultura açoriana litorânea, no bairro de Ibiraquera, localizado no município de Imbituba, sul de Santa Catarina. Por uma situação geográfica muito especial, o bairro apresenta um ambiente propício para as atividades de agricultura, campo e pesca artesanal aos habitantes nativos, espaços exuberantes para o turismo e um excelente campo de estudo para os pesquisadores.

Ao decidir por este estudo passou-se a olhar este espaço com mais acuidade e, diante desta observação, percebeu-se no entorno da lagoa, atividades de carcinicultura, loteamentos clandestinos aparecendo aos poucos nas margens da lagoa e com mais intensidade nos morros, mangues sendo aterrados, áreas de restinga e dunas sendo alteradas, e da Mata Atlântica, apenas pequenos fragmentos

¹ Departamento de Psicologia. Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC - Av. Universitária, 1105, B. Universitário, Cep: 88806-000, SC. rnj@unesc.net

secundários. Na entrada da Barra, o espaço encontra-se bastante urbanizado, apresentando acesso pavimentado, serviços de telefonia, energia elétrica, expansão das construções de uso particular ou público que avançam entre as dunas, como escola, restaurantes, pousadas, imobiliárias. Esta observação remeteu à indignação e à preocupação da existência real de uma Área de Preservação Permanente na Lagoa de Ibiraquera.

Os grandes problemas ambientais do município, segundo informante do departamento de meio ambiente de Imbituba, concentram-se na Praia do Rosa e na Lagoa de Ibiraquera. As denúncias mais frequentes estão relacionadas à degradação, construções irregulares, invasões em áreas públicas, corte da vegetação nativa, extração mineral (areia das dunas) e despejo de resíduos domésticos nas redes pluviais.

Isso remeteu a pensar na sociedade atual tão duramente transformada pelo processo de globalização que não envolve, apenas, a economia, mas todo um sistema de valores e de compreensão da vida. A banalização dos problemas ambientais decorrentes da ação antrópica manifesta-se no desrespeito à natureza e ao próprio ser humano. Nem mesmo os santuários e as comunidades tradicionais saem ilesos dos avanços no mundo pós-moderno.

Diante dessa temática o presente estudo buscou identificar atitudes nativas relacionadas à degradação e aos cuidados de preservação ambiental relacionada ao lugar onde vivem: flora (mata), fontes hídricas (lagoa e nascentes), solo (terra) e fauna (peixes).

Considerou-se que os problemas ambientais, sejam eles no bairro ou no planeta, assumem uma configuração imensa frente àquilo que parece poder fazer-se para mudar tal situação. As mudanças envolvem ações integradas entre o saber científico e o popular. Envolvem ousadia e humildade; inovações técnicas e científicas; participação e uma grande mudança de consciência; finalmente, um grande sentido de cidadania planetária.

Material e métodos

Esta pesquisa se caracterizou por uma abordagem qualitativa, tendo como principal método o estudo de caso da comunidade que vive nas margens da Lagoa de Ibiraquera, no município de Imbituba/SC.

A área de estudo, Ibiraquera, está cercada e tem inspiração toponímica com os ancestrais desta terra, chamando-a de “Ibirá” que significa “pau” e o sufixo “Ku’er” significando “velho”, que deram origem ao nome Ibiraquera, representando o “recanto de vegetação antiga”.

O bairro de Ibiraquera tem seus limites geográficos assim estabelecidos ao norte - Gramma, a oeste - Araçatuba, ao sul - Arroio, e ao leste - Oceano Atlântico, com uma

população de 2500 habitantes (Koerich, 2002) e uma extensão territorial de aproximadamente 15 Km².

Nesta unidade encontram-se a Área de Preservação Ambiental – APA, em função do Projeto Baleia Franca, e a Área de Preservação Permanente – APP, que envolve as margens da lagoa e riachos como as dunas, restinga e mangues. Desde o ano 2001, o bairro de Ibiraquera está no processo de implantação da Agenda 21 Local com uma adesão lenta dos habitantes nativos do entorno da Lagoa de Ibiraquera.

O contato inicial com a comunidade foi realizado por meio de passeios entre moradas antigas e paisagens em julho de 2005. O período de coleta de dados ocorreu entre março e julho de 2006, tendo como instrumentos, gravador, máquina fotográfica e diário de campo. A técnica escolhida foi a história de vida e registros etnográficos.

A amostra foi composta por dez sujeitos, orientada por dois critérios: cinco (5) famílias tradicionais mais antigas da comunidade e a faixa etária dos sujeitos, considerando duas (2) pessoas, ou seja, um idoso e um jovem de cada família. Todos os dez (10) entrevistados residem no bairro, saindo da comunidade unicamente para estudar, trabalhar ou passear. As cinco (5) famílias foram indicadas por um informante qualificado, habitante do lugar e conhecedor dos espaços de moradia dos nativos.

Norteou a investigação uma atitude ética que envolveu sigilo, anonimato, privacidade e direito à recusa de participação a qualquer momento da pesquisa. No dia da entrevista, foi lido e esclarecido aos participantes o termo de compromisso livre e informado, aprovado pelo Comitê de Ética da UNESCO, com base na Resolução 196 (Brasil, 1996).

A análise dos dados seguiu três etapas interligadas, conforme a proposta de Minayo (2002), baseando-se na compreensão das falas dos sujeitos correspondentes à alteração e preservação do espaço nativo: (1) sua ordenação passou pela transcrição das gravações, devolução e validação dos sujeitos, releitura do material, organização dos relatos das entrevistas, das anotações do caderno de campo e dos dados da observação; (2) sua classificação fundamentou-se nas categorias representadas pela alteração e preservação ambiental; (3) na análise final, estabeleceram-se articulações entre os dados das entrevistas e os conceitos constantes da literatura sobre o assunto, com o objetivo de verificar como vem ocorrendo, naquela comunidade, o processo de apropriação do espaço por meio da preservação ambiental do lugar.

Resultados

O solo: o preparo para o plantio e os cuidados com a terra

Ibiraquera possui uma cobertura de floresta secundária nos morros que encanta e se mistura às construções das casas de veraneio, pousadas e restaurantes. Porém, o solo destas encostas foi, por muito tempo, utilizado para o cultivo da mandioca, onde a visão panorâmica dos nativos era de uma planície coberta pela mandioca.

Segundo os idosos, o preparo da terra para o cultivo envolvia a derrubada da mata, queimar a vegetação depois de seca, carpir o solo com enxada e depois com o arado para realização da sementeira. O respeito para com o solo foi observado nas plantações itinerantes com a finalidade de descansar o solo e no enxerto orgânico do mesmo. Os jovens reconheceram que a relação que os idosos tinham com a terra, ocorria pelo fato de ser produtiva para suas plantações, e não pela cobertura vegetal original.

A flora: a degradação e a personificação dos quintais

Como os nativos sobreviveram por séculos da agricultura, a extração de lenha e a utilização do ambiente natural para plantio e campo foram os principais fatores para a perda da diversidade da vegetação nativa de Ibiraquera. Além de derrubá-la, a queimada era um recurso rápido para limpar o solo.

Entre as espécies da flora nativa lembradas pelos entrevistados, foram identificadas: a canela, o araçá, o imbé e a imbirá, da qual foi originada a toponímica do lugar. Porém os nativos ornamentam seus quintais com árvores frutíferas como a laranjeira, o abacateiro, cafezeiro e o frondoso anogueiro, marca que personifica as moradias dos habitantes que se apropriaram do lugar onde nasceram. O eucalipto, árvore exótica na região, hoje tem sua preferência justificada pela utilização dos troncos na armação das casas e para os andaimes nas construções. O eucalipto foi encontrado por toda extensão do espaço de Ibiraquera, inclusive nas margens da lagoa, muitas vezes, substituindo a mata ciliar original.

Os jovens demonstraram uma preocupação com o desmatamento dos fragmentos da mata secundária que permanecem no bairro. Este desmatamento, segundo os jovens, vem juntamente com um outro problema, o aumento populacional do lugar trazido com o turismo que explora e degrada o ambiente com muita rapidez. A comunidade de Ibiraquera, na sua atividade agrícola, destruiu muito de sua mata nativa, que se regenera aos poucos, porém seus reclames conduziram às ações imobiliárias e de turismo

como um fator agravante na degradação da flora de Ibiraquera.

A fauna: o esquecimento das espécies nativas

Idosos e jovens nativos esqueceram a vida animal. A fragmentação da mata e a degradação do solo extinguíram muitas das espécies nativas ao longo do tempo. Da fauna terrestre nomearam a lebre, as cobras e o cachorro-domato. Entre as aves encontradas na região, um jovem entrevistado conhece a existência do canhandu e do sabiá. Nenhum dos outros entrevistados falou sobre os animais da fauna terrestre ou da aérea de Ibiraquera. Seus relatos concentraram-se mais sobre as espécies marinhas, enfatizando ainda mais sua necessidade e dependência dos peixes encontrados na Lagoa de Ibiraquera e nas praias da região. Entre as espécies que merecem, atualmente, preocupação e atitudes de preservação entre os sujeitos, estão: o cará, badejo, garopa, carapeva, linguado, tainha, corvina, carapicú, cabeçudo, siri e o camarão-rosa, típico deste ambiente.

O espaço hídrico: o esforço do nativo em preservar a Lagoa de Ibiraquera

Nos depoimentos dos sujeitos retornou-se com saudade aos velhos tempos em que o espaço da lagoa oferecia peixe com fartura e a atividade da pesca era rica e prazerosa. Relacionaram o desaparecimento ou diminuição do pescado com o surgimento da poluição na lagoa. A poluição, segundo os entrevistados, relacionou-se mais ao espaço hídrico da comunidade, passando de leve sobre a poluição sonora na época de temporada e repercutindo sobre o sono; a poluição visual altera a percepção dos nativos quanto ao espaço apropriado ao longo das gerações.

O conhecimento das ações individuais e coletivas na ocorrência da poluição do espaço foi reconhecido na consciência dos nativos sobre as fronteiras permeáveis da poluição. Esta se espalha para além dos limites nos quais ocorreram, alcançando e destruindo também os espaços do mar que banha Ibiraquera, alterando inclusive, o sabor do peixe que consomem. Além do despejo dos dejetos industriais realizados pelos navios em alto-mar e dos produtos químicos utilizados pelos banhistas no ambiente das águas salgadas, em especial, a lagoa, todos os entrevistados fizeram uma denúncia quanto ao espaço de carcinicultura construído próximo à lagoa no bairro de Araçatuba. Esta é fonte de preocupação para a saúde física da população, bem como fonte de estresse para as pessoas da comunidade.

Além das habitações construídas às margens da lagoa, da carcinicultura e da poluição, os nativos apontaram,

ainda, como os motivos para a diminuição das espécies na lagoa e no mar de Ibiraquera, a pesca predatória e a pesca industrial. Os pescadores nativos desenvolveram, ao longo da história, um grande respeito e um conhecimento do ciclo das espécies que entram pela barra de Ibiraquera e se desenvolvem no espaço hídrico no qual pescam. Hoje, segundo os entrevistados, esse respeito está ameaçado, assim como a diversidade das espécies consumidas.

Segundo um jovem a depredação das espécies da lagoa acontece também por pescadores de outras regiões e pela sabotagem dos instrumentos de pesca.

Além dos peixes, os pescadores valorizam muito a pesca do camarão-rosa, tanto pelo seu sabor, quanto pelo valor de comercialização, já que entre os consumidores há uma preferência pelo camarão pescado na Lagoa de Ibiraquera.

Assim, cada vez mais, os habitantes de Ibiraquera são conscientes dos atrativos que impressionam e que precisam ser preservados. Como se verificou, os habitantes nativos de Ibiraquera demonstraram a mesma insatisfação dos ambientalistas, cientistas e governantes quanto à destruição do seu ambiente de vida e aos poucos estão aderindo a organizações, associações e projetos tendo como centro a Agenda 21 Local da Lagoa de Ibiraquera.

Discussão

Para se refletir sobre a preservação ambiental, precisa-se entender que o movimento conservacionista, segundo Gadotti (2000), nasceu com o objetivo de criar reservas de grandes áreas naturais para o usufruto das elites dos países ricos. Essas áreas serviriam de lazer e de contemplação para esse grupo selecionado de pessoas, desconsiderando as populações locais, entre elas as comunidades tradicionais, conceituadas por Diegues (2000).

Gadotti (2000:58) entende que muito mais que “limpar os rios, despoluir o ar, reflorestar os campos devastados” é preciso enfrentar os problemas sociais, pois estes problemas tratados pela ecologia, afetam tanto o meio ambiente quanto *o ser mais complexo da natureza que é o ser humano*. Leonardo Boff (1993) citado por Gadotti (2000:58), resumiu assim a problemática da preservação: *queremos uma justiça social que combine com a justiça ecológica. Uma não existe sem a outra*.

Tendo como princípio de que tudo na natureza está interligado, tem-se como início a discussão do solo de Ibiraquera. Este se constitui até hoje como propício ao cultivo da agricultura de subsistência para as famílias nativas que ainda possuem terras para desenvolvê-la. Como essa comunidade tradicional ainda tem suas atividades voltadas à pesca e à agricultura, Maldonado (1986) atribui a este tipo de exploração dos recursos naturais como pluralismo econômico, fenômeno este que ocorre em todo litoral

brasileiro e, segundo a autora, em diversas localidades mundiais.

Durante as entrevistas pouco foi relatado sobre a preservação do solo. Do preparo do solo ao cultivo da cultura de subsistência, observou-se a prática tradicional herdada dos açorianos. Essa prática foi transmitida, como afirma Diegues (2000), pela oralidade através das gerações, sendo uma forma típica de construção e transmissão do conhecimento tradicional.

Continuando com o posicionamento de Diegues (2000), o manejo tradicional dos recursos do solo, envolve um saber fazer que se constitui em um patrimônio da cultura brasileira. As atividades relacionadas à agricultura têm uma característica itinerante na intenção de não desgastar o solo.

Mesmo estando discutindo as práticas tradicionais, em especial dos nativos de Ibiraquera quanto ao uso do solo, observa-se a posição crítica do biólogo Primack (2002), sobre a destruição da metade da floresta tropical em todo o planeta sendo decorrente do cultivo de pequenas plantações para subsistência.

Atualmente, Ibiraquera ainda possui uma cobertura de floresta secundária no entorno dos morros. Porém, o solo destas encostas e as planícies foram secularmente cultivadas pelos nativos. Essas terras, ou esse solo, para os habitantes de Ibiraquera, foi e é parte integrante de suas vidas, remetendo às palavras de Robert Coles (Tuan, 1980:111): *Minha terra está sempre aí, esperando-me e é parte de mim, bem no fundo do meu ser; é tão minha como meus braços e pernas*.

A relação entre habitantes de Ibiraquera e a natureza remeteu aos princípios da ecologia profunda como pontuou Pelizzoli (2002), pois nesta comunidade está implicada a dimensão de vínculo que envolve tanto a percepção ecológica do mundo integrada ao comportamento psicológico, no qual todos os habitantes vivenciam a experiência de ser parte da teia da vida, e com isso protegem todo o seu entorno numa atitude também de cuidar de si mesmos.

A necessidade de sobrevivência por meio da agricultura trouxe aos nativos um conhecimento de enxertar o solo para não deixá-lo enfraquecido, confirmando a importância do esterco na incorporação do solo para enriquecê-lo, já que a extração da cobertura vegetal acarreta não somente o empobrecimento do solo como também o enfraquecimento da agricultura.

Primack (2002) argumenta que quando a vegetação é perturbada por cortes de madeira, atividades agrícolas ou outras ações antrópicas, entre os mais diversos danos causados ao solo, pode ocorrer a inutilidade da terra inclusive para a agricultura.

Essa preocupação foi encontrada nas narrativas dos idosos, pois eles sabem, assim como o chefe Seattle, da Tribo Squamish (Braun, 2001:34), que o ser humano pertence à

terra como o sangue que une uma família. Qualquer coisa que ele fizer a ela, ele acabará afetando a si próprio.

Portanto, o contato dos nativos com o solo, no que concerne à preservação, permitiu observar que há alguns cuidados relacionados ao descanso e a sua fertilização por meio da adubação orgânica. Porém, a preservação da flora nativa já se observou de maneira contrária.

A questão da preservação remete à biologia da conservação, onde Primack (2002) enfatiza que as plantas constituem as fontes primárias de energia dentre os níveis tróficos. As espécies fotossintetizantes obtêm energia diretamente do sol. A partir delas estão os consumidores primários (herbívoros), os secundários (carnívoros) e os decompositores, sendo que a maior diversidade de espécies é encontrada nas florestas tropicais.

Portanto, a grande função do manto verde que cobre o planeta, segundo Soares (1998), é a de constituir um suporte indispensável ao mundo animal e, por extensão, ao homem, pois sem verde não há vida na Terra.

A Psicologia oferece algumas interpretações quanto ao simbolismo das florestas e à relação do homem para com este espaço natural. Descreve-se a floresta representando um lugar escuro, desordenado, cheio de perigos e incertezas, em contraste com a organização, a abertura e a segurança. Do ponto de vista psicológico, pode-se inferir que a floresta representa, para o ser humano, o continente de seus conteúdos inconscientes, onde há segredos a serem descobertos e emoções a serem enfrentados.

As histórias infantis trazem exemplos das maldades representadas pelos vilões que se escondem nas florestas. O lobo mau e a bruxa fazem suas malvadezas, utilizando o espaço da floresta. Mas também é neste espaço que Branca de Neve encontra pessoas que salvam sua vida. Portanto, as florestas podem representar o refúgio e o desamparo, a vida e a morte, a sorte e o azar, conforme o que estas simbolizam para as diversas culturas.

A história da religião, também, traz seu entendimento sobre o descuido com a preservação de florestas e com a natureza. A religião representa uma prática que foi se desenvolvendo ao longo da história da humanidade. Desde que o homem colocou-se como distinto e superior em relação aos outros seres vivos que vivem na biosfera, houve também um distanciamento da natureza.

Salatino (2001) relaciona essa atitude antinatural do homem à tradição judaico-cristã, da qual nasceu o cristianismo. Por esta ter se desenvolvido em regiões áridas, constrói uma hipótese de que este espaço tenha contribuído para uma atitude de não adoração às plantas e animais, bastante comuns em tantas outras tradições religiosas e filosóficas. Sabe-se que os cristãos crêem num único Deus Criador de todos os seres vivos. Esta mesma religião coloca o ser humano numa hierarquia superior, por ter sido o único ser criado à semelhança de Deus.

Segundo Salatino (2001), esta posição outorgada ao homem deu a ele o poder sobre as plantas e animais. Consta-se que esta tese sugere uma dominância do homem sobre a natureza de acordo com a vontade de Deus. O mesmo autor ainda faz uma discussão sobre outras passagens do Antigo Testamento que recomendam o zelo e a proteção à natureza, como o dilúvio e a Arca de Noé, sendo que a atitude que predominou entre os cristãos foi a de domínio sobre o espaço natural e o selvagem.

Durante as entrevistas foi possível observar que os nativos da comunidade de Ibiráquera são cristãos e possuem um forte vínculo com seus ascendentes açorianos, dos quais herdaram as técnicas de agricultura para sobrevivência de suas famílias. Reconheceram que tudo o que existe hoje de vegetação nativa, são fragmentos de floresta secundária, relacionando-a especialmente à prática da agricultura da mandioca.

A partir dos estudos de Freitas (2005), registra-se que, desde 1830 até por volta de 1970, a agricultura de subsistência, a pesca e o extrativismo animal e vegetal, se constituíram das atividades produtivas que permitiram a permanência dessa população de modo de vida tradicional na comunidade de Ibiráquera. Segundo o autor, os danos ambientais relacionam-se ao desaparecimento de grande parte da flora e da fauna silvestre até 1957. A extração de lenha, as queimadas e a utilização do ambiente natural para a agricultura e campo foram os principais fatores para a perda acima mencionada.

A derrubada da vegetação remete ao alerta trazido por Primack (2002:50) em relação à destruição do verde, tendo como método *incêndios frequentes, que destrói a habilidade do sistema de fazer uso da energia solar, levando a perda da biomassa das plantas e degradação da comunidade animal (inclusive humana) que vive na área.*

Porém, o referido autor argumenta que enquanto as populações eram pequenas e os métodos de coleta não eram sofisticadas, as pessoas colhiam e caçavam de maneira sustentável, sem levar as espécies à extinção. Ficou evidente que os métodos de derrubada da mata foram se modernizando no espaço de Ibiráquera, assim como do preparo do solo para a semeadura de suas roças.

Embora as casas dos nativos idosos tenham como marca as chácaras e um amor pelas árvores, principalmente as frutíferas, pouco ou nada conhecem sobre as espécies nativas. O eucalipto plantado em todo o território nacional foi também encontrado em larga escala em Ibiráquera.

Esse comportamento dos nativos em relação à plantação de árvores exóticas pode ser compreendido a partir dos estudos da história e, neste caso, por meio da biologia da conservação, representado por Primack (2002). Segundo o autor, a sociedade pré-industrial acabou por movimentar pessoas de diversos espaços geográficos. Neste processo migratório as pessoas transportavam consigo

plantas e animais. A colonização européia teve um forte impacto na horticultura e agricultura, através das quais um grande número de espécies de plantas foram introduzidas e cultivadas para fins ornamentais, agrícolas ou para pastagem. Aos poucos muitas deixaram de ser cultivadas, mas foram se estabelecendo na flora local, como é o caso do eucalipto no espaço de Ibiraquera.

Esses movimentos migratórios que aconteceram ao longo da história da humanidade ocorridos por muitos motivos, lembram o processo de colonização do espaço na comunidade de Ibiraquera pelos açorianos. Espaço este, que atualmente recebe outros moradores atraídos pelo turismo e pela beleza do lugar.

A declaração dos jovens quanto à chegada de estranhos ao lugar remeteu à pesquisa de Primack (2002), pontuando que o crescimento populacional não é a única causa de extinção das espécies e a destruição do habitat. Essa destruição dos ecossistemas nem sempre é causada por cidadãos, utilizando estes recursos para suprir suas necessidades básicas, como no caso das populações tradicionais. Essas comunidades podem utilizar produtos naturais tais como lenha, carne de animais silvestres e as plantas nativas, e *convertem também grandes quantidades do habitat natural para fins agrícolas e residenciais; portanto, o crescimento populacional humano, por si próprio, é parcialmente responsável pela perda da diversidade biológica* (Primack, 2002:83).

As construções que não respeitam os espaços demarcados pelas leis ambientais, o aumento da população, a poluição, são situações que estão fazendo parte do cotidiano destes habitantes. São situações que provocaram em pouco tempo, uma acelerada destruição dos recursos naturais e um dos principais motivos de diminuição da biodiversidade local, como afirma Primack (2002).

Se a mata de Ibiraquera sofreu todos estes danos durante a sua pequena história de colonização, a fauna sofreu mais ainda. A mata aos poucos pode se recuperar, porém a recuperação dos animais silvestres se torna muito mais delicada. Segundo Primack (2002), a diminuição das plantas e insetos resulta em um declínio na população de animais de uma região. Até as plantações cultivadas pelo homem precisam de pássaros e insetos predadores que se alimentam de outras espécies que atacam as lavouras. Muitas espécies de plantas dependem de animais que comem seus frutos, que colhem seus pólenes e assim dispersam as sementes, continuando os ciclos de vida animal e vegetal de todos os espaços do planeta, sejam os naturais ou os cultivados.

Freitas (2005) afirmou que os fragmentos de vegetação nativa ainda existente em Ibiraquera estão sendo mantidos, havendo uma diminuição na caça e na coleta de ovos. Está ocorrendo uma mudança na percepção da fauna silvestre como fonte de alimento, remédio, lazer e praga, por meio da substituição das normas locais, pouco conservacionista para o manejo da fauna silvestre, por normas legais

marcadamente preservacionista, tendo uma maior atuação da Polícia Militar e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente - IBAMA a partir da década de 90.

De acordo com Freitas (2005), até o final da década de 1970, havia no espaço de Ibiraquera 71 espécies, entre aves, mamíferos de médio e grande porte e répteis, muitos destes extintos. Por meio das entrevistas da presente pesquisa, constatou-se que estes animais foram esquecidos pelos habitantes. O interesse e as considerações dos espaços naturais do bairro encontram relevância no espaço da Lagoa de Ibiraquera.

As narrativas trouxeram a degradação desse espaço remetendo às palavras de Diegues (1996:146), enfatizando que as comunidades pesqueiras indicam quando os ecossistemas marinhos são atingidos, sendo que a poluição, a pesca predatória e a sobrepesca que ocorre em todo litoral brasileiro *altera gravemente a vida das comunidades humanas litorâneas, que vivem em verdadeira simbiose com esses ambientes*.

A poluição é um tema no qual todos estão envolvidos e são convidados a discutir. Heimstra (1978), ao pesquisar a psicologia ambiental, dedica uma pequena parte de seu estudo sobre a relação entre a poluição e o comportamento humano. Segundo a pesquisadora, a poluição do ar, da água e sonora é considerada pela população uma ameaça ou fonte de destruição e que podem, então, ser considerados causadores de estresse.

O impacto da poluição tem sido reconhecido há algum tempo como um dos fenômenos que afeta tanto a saúde física quanto a psicológica do ser humano. Por ser um fenômeno de difícil compreensão, na sua pesquisa, Heimstra (1978) pontuou que a poluição interfere nas atitudes e sentimentos das pessoas. Estes se alternam desde um simples incômodo diante das situações, queixas, aborrecimento para modificar ou recuperar o ambiente, alteração de estados de humor, sendo que a poluição sonora interfere no descanso, sono, na comunicação. Constatou-se que os resultados concluídos pela pesquisadora encontraram eco vida cotidiana dos nativos.

Garcia (2007:17) descreveu em seu artigo *Água em três movimentos: sobre mitos, imaginário e o papel da mulher no manejo das águas*, que a poluição da água na modernidade está destruindo a vida, afetando diretamente a humanidade de forma integral, ou seja, na sua sobrevivência biopsicossocial e cultural, no caso desse estudo, enfatizando a organização sócio-cultural do pescador artesanal de Ibiraquera.

As atividades relacionadas à carcinicultura implantada às margens da Lagoa de Ibiraquera remeteram à Assunção (2005), revelando que o aumento dos habitantes nas zonas costeiras e os novos empreendimentos industriais, exemplificados nas atividades de suinocultura, rizicultura e da carcinicultura, entre tantos, afetam especialmente os ambientes utilizados pelos pescadores artesanais. O resultado desta ocupação tem ocasionado uma degradação

e poluição intensa e generalizada que intervém nas potencialidades dos ecossistemas locais.

Por meio do estudo percebeu-se o conhecimento dos nativos sobre suas fontes naturais, principalmente no que se refere à lagoa, levando a pesquisadora a buscar em Shiva (2003:133), alguns elementos das novas tecnologias sobre os espaços naturais. A referida autora coloca que as inovações ignoram a complexidade, gerando outros problemas ecológicos que, muitas vezes, são considerados *efeitos colaterais imprevisíveis e externalidades negativas*.

Na ética das engenharias há uma cegueira em relação aos impactos por ela causada. Porém, os pescadores ou habitantes destes espaços reconhecem estes impactos advindos com a carcinicultura, lutam contra esta tecnologia, pois necessitam do espaço natural da lagoa para a sua sobrevivência. Seu desgaste e sua degradação causam tristeza para os pescadores nativos. Maldonado (1986) salientou que os pescadores devem ser ouvidos na validação de novos elementos tecnológicos. Eles são plenamente capazes de contribuir sobre os impactos destas novas atividades sobre o espaço em que vivem e dos quais retiram sua alimentação e fazem seu lazer.

Os nativos, em seu humilde conhecimento, já discutem sobre isto. Para eles a poluição das águas subterrâneas do seu espaço de vida é hoje um grande problema a ser discutido, esclarecido e necessita soluções reais. O espaço hídrico, tendo a Lagoa, o oceano e as fontes de água doce, é de especial importância para esses habitantes, pois, além de ser um espaço de sobrevivência da comunidade, também contém a *alma do lugar* do pescador artesanal de Ibiraquera (Russo, 2007:97).

É sabido que todo o sul do Brasil possui uma grande reserva de água em seu subsolo conhecido como Aquífero Guarani, sujeito também a ser contaminado por meio da degradação dos ambientes terrestres. Floriani (2004) trouxe algumas reflexões sobre os problemas ambientais que mais assustam a humanidade como a destruição da camada de ozônio, o aquecimento global e a perda da biodiversidade. Porém, há outros problemas não tão evidenciados nos debates científicos e de outros segmentos humanos, relacionados ao meio ambiente, como os aterros de lixo urbano e os problemas locais de poluição das águas subterrâneas que também merecem destaque.

Além das habitações construídas às margens da lagoa, da carcinicultura e da poluição, os nativos trouxeram como motivos para a diminuição das espécies na lagoa e no mar de Ibiraquera a pesca predatória e a pesca industrial.

O relato conduziu às pesquisas de Primack (2002), enfatizando a superexploração de espécies na pesca comercial a qual explora uma espécie após a outra até chegar a sua redução ou extinção. Maldonado (1986) enfatizou as falas dos pescadores nativos, bem como a pesquisa do autor acima referenciado, afirmando que a predação dos recursos

marinhos por meio da sobrepesca de peixes e outras espécies, utilizando aparelhos modernos, está acabando com a pesca artesanal.

Mas quem é o pescador artesanal? Tendo como fonte a Secretaria Especial de Aquicultura (2004), é aquele que utiliza de uma tecnologia muito simples e que tem na pesca sua principal fonte de renda. Assim com meios de produção próprios, exerce sua atividade de forma autônoma, individualmente ou em regime de economia familiar, ou ainda com auxílio eventual de outros parceiros, sem vínculo empregatício.

Esses pescadores nativos desenvolveram, ao longo da história, um grande respeito e um conhecimento do ciclo das espécies que entram pela barra de Ibiraquera e se desenvolvem no espaço hídrico no qual pescam. Como se percebeu com os sujeitos e em Maldonado (1986:42), o pescador artesanal se apropria da lagoa e do mar dividindo-o conforme as necessidades para a sua sobrevivência, tendo como base o conhecimento, o trabalho e a tradição. Vivem, ou pelo menos viveram, por muitos anos, da produção cíclica dos estoques, pois conhecem *os limites da coleta, de acordo com o ritmo da natureza, o pescador artesanal tem como condição da sua reprodução a manutenção do equilíbrio ambiental*.

Isto remeteu a Primack (2002), pontuando que nas comunidades tradicionais existem restrições para evitar a superexploração de recursos naturais, sendo que os ciclos são rigidamente controlados.

Todos os relatos dos sujeitos remeteram às palavras de Diegues (1996:106), alegando que o conhecimento acumulado das populações tradicionais, neste caso dos pescadores artesanais, devem ser ouvidos e considerados. Eles conhecem e respeitam o uso do espaço e os recursos naturais que são marcados pela *sazonalidade, pelos ciclos geobiológicos, etc. Essas populações, muito frequentemente têm uma percepção aguda desses processos, criando sistemas tradicionais de manejo* que, por muito tempo, garantiram a sustentabilidade destes espaços.

Com essa discussão compreendeu-se que há uma preocupação não somente pela degradação do espaço da lagoa, mas também pelo desaparecimento do pescador artesanal nativo. Muitos o vêem como uma pessoa que degrada a natureza, entretanto, como afirma Assunção (2005), ele é também uma vítima do processo de degradação e de poluição do meio ambiente do qual obtém sua sobrevivência.

Como se observou, há vários motivos apontados pelos nativos que estão contribuindo para a degradação do espaço hídrico e de seus recursos naturais, mas também há uma tentativa de preservação deste pelo controle do poder público, bem como da organização da comunidade de pescadores por meio de associações e da implantação da Agenda 21 local da Lagoa de Ibiraquera que, segundo Freitas (2005), busca responder a essa crise por meio da

negociação entre as pessoas da comunidade e a articulação com outros segmentos sociais.

Gadotti (2000) concluiu que, de todos os documentos tratados e acordos relacionados à preservação da vida no planeta, o maior e mais importante deles é a Agenda 21. Os 175 países presentes e os 102 representantes de estados e de governo na Conferência das Nações Unidas, chamada de “Cúpula da Terra”, popularmente conhecida como RIO-92, afirmaram seu compromisso com o planeta, porém outros não desejam mudar sua política consumista do ambiente e de vidas humanas. A Agenda 21, aprovada e assinada pelas pessoas desta Conferência, representa a base para a despoluição do planeta e a construção de um modelo de desenvolvimento sustentável.

Diegues (1996) salienta que a mobilização das comunidades tradicionais como as de pescadores e agricultores fortalecem as associações locais, como sindicatos rurais, associações de bairro, os defensores das praias, na defesa dos ecossistemas costeiros, na qualidade de vida e no uso sustentado dos recursos paisagísticos de que eles dependem e dependerão no futuro.

O nativo de Ibiraquera também está consciente de toda degradação que ocorreu em seu pequeno espaço de viver e de habitar, entende que se faz necessário uma parada neste processo de destruição que envolve tanto o espaço físico quanto o espaço sócio-afetivo e cultural da comunidade, mas está ao mesmo tempo consciente de que este processo é lento, pois envolve os espaços de produção de toda uma população local, em contraste com a população de turistas que chegam, instalam-se com suas pousadas, restaurantes, hotéis e imobiliárias.

Conclusões

Neste artigo observou-se que as ameaças à diversidade biológica e sócio-cultural, resultantes da atividade humana em todo o planeta, também foram encontradas em pequena ou maior escala na comunidade de Ibiraquera. Neste espaço foram encontradas, como argumentou Primack (2002), atividades nativas e dos novos moradores, relacionadas à destruição, fragmentação, degradação de habitats, poluição, superexploração de espécies, introdução de espécies exóticas.

Essas alterações acometidas ao longo das gerações foram exemplificadas no esquecimento da fauna silvestre; na fragmentação da flora nativa, embora suas moradias sejam personificadas por árvores frutíferas e de utilidade doméstica e demarcam claramente habitações nativas; na degradação do solo para a pluriagricultura, mas o qual requereu atitudes de cuidado para que seu enfraquecimento não prejudicasse a sobrevivência das famílias; no esforço da comunidade em preservar e fazer valer seu conhecimento, seus costumes, suas técnicas tradicionais de preservação da

fonte hídrica mais preciosa e de relevo apropriado: a Lagoa de Ibiraquera.

Conclui-se que os sujeitos da pesquisa, idosos e jovens entrevistados, demonstraram ser sensíveis aos problemas ambientais referentes ao seu espaço, interessam-se pela recuperação e pela preservação e, mesmo com alguma desconfiança, apostam nas ações desenvolvidas pela Agenda 21 Local da Lagoa de Ibiraquera, já que esta não só visa o uso sustentável das fontes naturais desse ambiente, mas também a preservação dos espaços sócio-afetivos e culturais desta comunidade tradicional, quase em extinção.

Agradecimentos

Às famílias de Ibiraquera, com as quais muito aprendi e resgatei minhas raízes. À Prefeitura Municipal de Imbituba e à Coordenação da Agenda 21 Local de Ibiraquera que me receberam de braços abertos oferecendo subsídios preciosos para a realização do estudo. À Dra. Teresinha Maria Gonçalves, por despertar em mim a paixão pela Psicologia Ambiental abrindo novos caminhos na profissão que escolhi. À UNESCO, pela oferta do mestrado em Ciências Ambientais colocando-me diante de tantas formas diferentes e integradoras de trabalhar com o meio ambiente.

Referências

- ASSUNÇÃO, A.F. 2005. Contribuição ao desenvolvimento sustentável em Zona Costeira: usos e ocupações da lagoa de Santa Marta e entorno, município de Laguna, SC. Dissertação de Mestrado. Criciúma. Universidade do Extremo Sul Catarinense. 220p.
- BRUAN, R. 2001. Desenvolvimento ao ponto sustentável. Petrópolis: Vozes.
- DIEGUES, A.C. 2000. Comunidades tradicionais e manejo dos recursos naturais da Mata Atlântica. São Paulo: NUPAUB – USP.
- DIEGUES, A.C. 1996. Ecologia humana e planejamento em áreas costeiras. São Paulo: NUPAUB – USP.
- FLORIANI, D. 2004. Disciplinaridade e construção interdisciplinar do saber ambiental. Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente.10: 33-37.
- FREITAS, R.R. 2005. Mudanças na paisagem da Lagoa de Ibiraquera e a gestão da sua fauna silvestre. Dissertação de Mestrado. Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina.194p.
- GADOTTI, M. 2000. Pedagogia da terra. 2 ed. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis.

- GARCIA, L. 2007. Água em três movimentos: sobre mitos, imaginário e o papel da mulher no manejo das águas. *Revista Gaia Scientia*. 1(1): 17-24.
- GONÇALVES, M.T. 2004. O processo de apropriação do espaço através dos modos de morar e habitar o lugar (uma abordagem psico-sócio-ambiental do bairro Renascer/Mina Quatro de Criciúma- SC). Tese de Doutorado. Curitiba. Universidade Federal do Paraná. 246p.
- HEIMSTRA, N.W. 1978. *Psicologia ambiental*. São Paulo: EPU.
- KOERICH, G. M. S. M. 2002. Educação em saúde com mulheres de uma comunidade pesqueira ao sul de Santa Catarina. Disponível em www.ufsc.com.br. Acesso em 02 de agosto de 2006.
- MALDONADO, S.C. 1986. *Pescadores do mar*. São Paulo: Ática.
- MINAYO, S.F. 2002. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21ª ed. Petrópolis: Vozes.
- BRASIL. 1996. Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996. Ministério da Saúde.
- PELIZZOLI, M.L. 2002. *Correntes da ética ambiental*. Petrópolis: Vozes.
- PRIMACK, R.B. 2002. *Biologia da conservação*. Londrina: E. Rodrigues.
- RUSSO, C.R. 2007. Sustentabilidade e turismo: um debate sobre as possibilidades do desenvolvimento do turismo sustentável. *Gaia Scientia*. 1(1): 95-102.
- SALATINO, A. 2001. Nós e as plantas: ontem e hoje. *Revista Brasileira de Botânica*. São Paulo. 24 (4): 483-490.
- SHIVA, V. 2003. *Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e biotecnologia*. São Paulo: Gaia.
- SOARES, M.P. 1998. *Verdes urbanos e rurais: orientação para arborização de cidades e sítios campestres*. Porto Alegre: Continentes.
- TUAN, Y.F. 1980. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Rio de Janeiro: DIFEL.